



Entre “conversos” e “desconversos”: o caso da influência da Nova Direita Brasileira sobre a comunidade judaica do Rio de Janeiro

*Between “convert” and “non-convert”:
The New Brazilian Right influence on the Jewish community
of Rio de Janeiro*

Michel Gherman*
Misha Klein**

Palabras-chave

Extrema direita
Jornadas de Junho
Conversão
Comunidade Judaica
Conciliação
Confronto

Resumo

Os últimos anos foram de mudanças e transformações no mapa político brasileiro. Se até o ano de 2013 havia um quadro político estabelecido e consolidado no país, a partir desse momento pode-se notar mudanças profundas e sem precedentes no cenário nacional. Foi nesse ano que o momento político brasileiro foi sacudido por manifestações multitudinárias que, cujos efeitos balançaram as estruturas democráticas do país. A partir das chamadas “Jornadas de Junho”, um novo ente político passa a fazer parte da vida pública brasileira. Grupos de uma “nova direita”, alinhada aos espectros de um novo discurso neoliberal ousado e pungente, passam a desafiar os valores da já consolidada democracia brasileira. Esse artigo pretende discutir os resultados desse novo alinhamento político a partir de um caso específico: a aproximação de grupos da comunidade judaica com representantes dessa “Nova Direita Brasileira” (por vezes uma extrema direita bastante provocativa e agressiva). Para tanto, pretendemos discutir os resultados

* Doutor em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). Pós-doutor bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD), vinculado ao PPGHIS/UFRJ. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos e Árabes (NIEJ/UFRJ). Contacto: michelgherman@gmail.com

**Ph.D. pela Universidade California-Berkeley. Professora associada do Departamento de Antropologia, Universidade de Oklahoma. Contacto: misha@ou.edu

da visita de um pré-candidato à presidência da república a um clube judaico na cidade do Rio de Janeiro, no mês de abril do ano de 2017. Acreditamos que o debate sobre essa visita e suas consequências pode contribuir para entendermos melhor os novos processos políticos que o país vivencia. Acreditamos também, que o caso da visita a um clube judaico pode servir de modelo teórico e metodológico para debate acerca de processos onde novos atores políticos passam a ser relevantes, refundando a cultura da conciliação brasileira, substituindo-a por uma cultura política, essa de enfrentamento e denúncia.

Keywords

Far Right

June Demonstrations

Conversion

Jewish Community

Conciliation

Confrontation

Abstract

The last years have been moments of changes and transformations in the Brazilian political map. If by the year 2013 there was an established and consolidated political framework in the country, from that moment one can notice profound and unprecedented changes in the national scenario. It was in that year that the Brazilian political map was shaken by mass demonstrations, which effects shook the democratic structures of the country. Since the so-called "Jornadas de Junho", a new political entity becomes part of Brazilian public life. Groups of a "new Right", aligned with the specters of a new bold and poignant neoliberal discourse, begin to challenge the values of the already consolidated Brazilian democracy. This article intends to discuss the results of this new political alignment from a specific case: the approximation of Jewish community groups with representatives of this "New Brazilian Right" (sometimes a very provocative and aggressive extreme right). Therefore, the article analyses the results of the visit of a presidential pre-candidate to a Jewish club in the city of Rio de Janeiro in April of 2017. It argues that the debate about this visit and its consequences may contribute to better understandings of the new political processes that the country experiences. Likewise the article suggests that the analyzed case can be useful as a theoretical and methodological model to discuss processes where new political actors become relevant, affecting the Brazilian conciliation culture, replacing it by a new political culture, where confrontation and denunciation became in the center of political agendas.

A reflexão que ora iniciamos deve ser considerada mais como um ensaio do que como um artigo propriamente dito. Seus autores, Michel Gherman e Misha Klein, somos respectivamente um historiador e uma antropóloga que concentramos nossos trabalhos, ambos, no campo dos chamados estudos judaicos no Brasil. Decerto podemos afirmar que tentamos trabalhar temas judaicos relacionando-os com a realidade brasileira.

Nessa perspectiva, nossas pesquisas tentam associar experiências dos judeus brasileiros em seus contatos com a brasilidade com a sociabilidade brasileira e não apesar dela.¹ A nós interessa lidar com a história judaica dentro da perspectiva histórica mais geral e não de maneira desconectada e independente da história do Brasil. Para nós, a cultura judaica, nesse sentido, deve ser entendida como parte da cultura brasileira mais ampla. Para nós, a sociabilidade política dos judeus no país deve estar relacionada com a sociabilidade brasileira mais ampla.² Nesse sentido, nos afastamos de perspectivas mais tradicionais e conservadoras dos estudos judaicos e buscamos caminhar em diálogo franco e aberto com a historiografia nacional, bem como com debates típicos da antropologia e da sociologia no país.

É nesse contexto que nos parece possível analisar a ascensão da chamada “nova direita brasileira” a partir de nosso campo de estudos específico, os estudos judaicos.³ Nosso interesse aqui se constitui em analisar a aproximação de certos setores da sociedade brasileira com perspectivas “conservadoras, reacionárias e conspirativas”.⁴ Para tanto, pretendemos nos concentrar em grupos determinados que estão localizados mormente nas camadas urbanas, residentes em algumas das grandes metrópoles brasileiras. Nosso foco de interesse será em cidadãos brancos de classe média-média e de classe média alta, que tem grande participação em grupos conservadores, sejam presenciais ou virtuais, e que reproduzem discursos fortemente “antimarxistas, anticomunistas e neoliberais”.⁵ Referimo-nos aqui, especificamente, a setores da coletividade judaica da cidade do Rio de Janeiro.

Importante notar que filiação desses grupos às perspectivas ultraconservadoras citadas acima são duplas, ou seja, elas têm dinâmicas distintas externa e internamente. Externamente, grupos conservadores da comunidade judaica brasileira apenas reproduzem lógicas presentes nas camadas hegemônicas e dominantes das populações médias urbanas. Efetivamente, setores médios brasileiros

¹ DaMatta, 1984, p. 53. Sobre o deslocamento da ideia de brasilidade como identidade nacional para o discurso de brasilidade como referência polissêmica, de múltiplas identidades: Damatta, 1994.

² Sorj, 2010.

³ Hoeveler, 2010.

⁴ *Ibidem.* p. 82.

⁵ *Ibidem.* p. 83.

deram um “giro à direita”,⁶ fortalecendo uma direita “(...) conservadora tanto na economia como nos costumes”.⁷ Nesses setores, perspectivas conciliadoras e negociadas foram ultrapassadas por posições que propõem a rupturas e formas de “regressismo radical”.⁸

Partes consideráveis da coletividade judaica brasileira pertencem a esses setores médios urbanos. Compreensível, portanto, que estejam, tal qual uma tendência geral da população brasileira, se vinculando às mesmas posições políticas e ideológicas que cativam seus congêneres não judeus. Interessa-nos, entretanto, também as referências internas que acabam por relacionar, de maneira específica, judeus com determinadas posições sectárias e extremistas da nova direita brasileira. Entre as lógicas de pertencimentos desses grupos há fortes referências culturais e religiosas. O discurso religioso, inclusive, tem sido cada vez mais protagonista no debate político brasileiro.

Nesse contexto, igrejas cristãs protestantes e os setores mais conservadores da Igreja Católica, acabam por ocupar posições ideológicas específicas e passam a engrossar um discurso político mais conservador. Nessa situação, perspectivas antimarxistas perenes incorporam um discurso pró-religioso. Na narrativa do “nós e eles”, o lado “do bem” é crente, religioso e cristão, enquanto o outro lado, o “eles” é secular, ateu ou mesmo anticristão.⁹

Nesse quadro, a comunidade judaica não passa incólume e despercebida. Aliás, muito pelo contrário, ela passa a se constituir em importante referência em setores específicos do debate político e ideológico brasileiro.¹⁰ Por um lado, a disputa política ganha tons sectários e religiosos. As alianças, assim, não são apenas político-ideológicas, elas são políticas, ideológicas e teológicas. Para além do clássico debate anticomunista (tradicional nos tempos do regime militar), a nova direita brasileira se alista em lutas contra a doutrinação nas escolas (doutrinação marxista e ateu), contra ameaças de colonização homossexual da juventude brasileira (ditadura gayzista), contra perspectivas feministas (abortistas e anti-

⁶ Matos y Molina, 2016.

⁷ Definição dada por um dos pré-candidatos expoentes da chamada “nova direita brasileira” à presidência da República, João Amoedo, recuperado de <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,joao-amoedo-se-diz-liberal-na-economia-mas-conservador-nos-costumes,70002318886>

⁸ Optamos por usar o termo “regressista” no lugar de reacionário. Esse termo era típico do período regencial no Brasil (1831-40), quando o partido regressista buscava maior centralização do poder e o combate à suposta “anarquia” das províncias. A nós esse termo parece descrever melhor o desejo de “regresso” em alternativa ao “progresso” expresso por grupos da nova direita brasileira. Ver: Mattos, 1987.

⁹ Freston, 1998, p. 337.

¹⁰ Sobre as relações entre judeus e evangélicos no cenário de Israel e do judaísmo: Gherman, 2009.

cristãos) e contra o ensino de diversidade e de identidade de gênero (chamados por eles de ideologia de gênero) nas entidades de ensino.

Enfim, a nova direita brasileira é profundamente cristã e se insurge contra os que ameaçam, em sua perspectiva, os valores cristãos. Esses são comunistas, islâmicos, gays, usuários de drogas, abortistas, feministas, enfim, todos que não são eles. Todos que não são cristãos, heterossexuais e de direita. Mas e os judeus? Bom, no imaginário cristão-conservador, os judeus são parte integrante de sua formação ideológica e política.

O judaísmo, de fato, funciona como um dos moldes definidores de sua identidade cristã. Frente às possíveis ameaças marxistas, abortistas, islâmicas, etc.,¹¹ o vínculo com o judaísmo aparece como um certificado de garantia de vínculo com a tradição “original e verdadeira” do cristianismo. Claro, não nos referimos a qualquer judaísmo, mas a um judaísmo imaginário e uno. Um judaísmo que rime com o cristianismo conservador, que contenha fortes referências messiânicas e que tenha suas definições livres de propostas de esquerda ou liberais. Nesse contexto, o “judaísmo imaginário” da nova direita não reconhece judaísmos que não sejam estabelecidos por essas exigências.¹² Judeus de esquerda não são reconhecidos como judeus. Judeus seculares são menos judeus do que os judeus religiosos; judeus críticos às políticas dos governos de Israel são vistos como símbolos da traição e do abandono da tradição.¹³

No outro lado dessa aliança, judeus conservadores, vinculados à nova direita brasileira, passam a reproduzir no interior de suas comunidades estratégias similares. Grupos judaicos de esquerda e seculares passam por um processo de invalidação pública. Suas lideranças passam por perseguição política e tem sua judaicidade questionada, ou mesmo negada. Em muitos casos, ativistas judeus liberais são considerados traidores e são denunciados como antissemitas. Tudo

¹¹ Ver <http://omarxismocultural.blogspot.com/2017/06/estado-islamico-aparece-nas-filipinas.html>

¹² Sobre judeu imaginário: Gherman, 2009.

¹³ Ver algumas referências judaicas dessas acusações no manifesto contra o processo que acusava o pré-candidato a presidente da República, Jair Bolsonaro, por crimes de racismo pelas declarações feitas por ele no clube Hebraica do Rio: “(...) *Tal procedimento denomina-se como marxismo cultural, uma forma de promover os ideais marxistas sem o discurso revolucionário direto, mas inseminando-o na mentalidade vigente de forma a perseguir, patrulhar, condenar, polarizar como hediondo, vil, fascista, enfim, ‘uma pessoa horrível’, todo aquele que ouse declarar-se contrário ao socialismo ou a alguns padrões do ‘bom-mocismo’.* Nós da ASBI, Associação Sionista Brasil-Israel, erguemo-nos contra esta configuração que imprimiu graves extravios à comunidade judaica, que assim se mostrou dividida e surda, em parte, à voz de um homem que tem se mostrado o seu maior amigo, enquanto partidos de esquerda e outros amiúde confinam com ideias classificáveis como antissemitas”. Recuperado de: <https://jomalhoraextra.com.br/coluna/comunidade-judaica-repudia-denuncia-descabida-contrajair-bolsonaro/>

no afã de estabelecer a nova relação, perene e absoluta, com os valores cristãos representados pela nova direita cristã brasileira.

Podemos marcar a referência fundacional dessa nova onda de direita no Brasil e suas relações com setores da comunidade judaica como tendo ocorrido no processo da crise política brasileira. Em vários sentidos, acusações de corrupção ao Partido dos Trabalhadores, uma grave crise econômica e um poderoso discurso antiesquerdista podem ter dado espaço para essas alianças. Esse processo se inicia nas grandes manifestações de 2013, que, com permanências e mudanças, se mantém até o ano de 2015 e acabam por garantir a queda da Presidenta Dilma Rousseff em um processo de impedimento legal.

Judeus e o alinhamento com a Nova Direita Brasileira: sionismo como um caso

Como visto acima, há determinado alinhamento com perspectivas internacionais e transnacionais,¹⁴ a partir das quais uma nova direita passa a se enxergar como parte de uma aliança civilizacional, com perfil ocidental e judaico-cristão. Assim, em um discurso ideologicamente bem construído, o cristianismo passa a ser herdeiro do judaísmo primitivo e a consolidar o status de pertencimento ocidental. Segundo esse discurso, confrontando esse processo haveria a formação de alianças antiocidentais, por sua vez percebidas como verdadeiras ameaças aos valores judaico-cristãos.

Nesse sentido, é importante notar, ao analisar os processos de alianças entre judeus e cristãos no Brasil, que não há exatamente uma autonomia dos valores judaicos nessa nova configuração política. Em uma perspectiva mais ampla, pode-se reconhecer que judeus, seus supostos valores e a coletividade judaica são instrumentalizados a partir de perspectivas ideológicas específicas. Nesse contexto, os judeus seriam vistos como a própria continuação dos valores cristãos.

Os judeus são percebidos, assim, como cristãos. Judeus e cristãos estariam prontos, portanto, para a formação de uma nova comunidade,¹⁵ sem contradições ou quebras internas mais graves. Judeus e cristãos estariam juntos lutando por valores morais comuns, valores da civilização cristã, ameaçados pelo oriente, pelo islamismo e pela esquerda. O problema vai aparecer com os outros judeus, com aqueles que estão desalinhados com essa proposta de continuidade insurgente. Judeus de esquerda, seculares e liberais são inimigos e não os cristãos conservadores.

Nesta ideia formativa de “nova comunidade” nota-se um processo de dupla conversão político-religiosa-ideológica: judeus de direita passam a ser parte de uma certa cultura judaico-cristã definida por critérios políticos e ideológicos, enquan-

¹⁴ Hoeveler, 2016, pp. 77-91.

¹⁵ Utilizamos aqui o conceito sociológico de comunidade proposto em: Bauman, 2003.

to que cristãos de direita passam a se ver como parte de uma comunidade política e ideológica cristã-judaica. Quem está fora? Judeus e cristãos de esquerda e progressistas. Se há um processo dialético de conversão, há do outro lado um processo também dialético de “desconversão”. Se essa nova conversão é política, religiosa e ideológica, não faria sentido incluir, ou manter, os membros da esquerda nessa nova comunidade.

Claro, eles continuariam sendo judeus ou cristãos (é difícil negar-lhes completamente o direito à autodefinição), mas seriam judeus e cristãos não completos. Judeus e cristãos sob o signo da traição. Figuras como Judas e os *kapos* passam a ser usadas para definir os novos desconversos.¹⁶ Aqueles que estavam dentro da antiga comunidade, mas que são puxados pra fora na nova comunidade.

Nessa nova tradição judaico-cristã, eles não cabem. Não compactuam com os mesmos valores, com a mesma ideologia, além de fazerem parte de comunidades adversárias, inimigas, ameaçadoras. Assim, judeus e cristãos de esquerda encarnariam o pior tipo de gente pertencente ao clã, ao grupo e a comunidade: estão dentro, mas são de fora. Nessa perspectiva, querem destruir quem está dentro em nome de valores que estão fora. O nascimento da comunidade judaico-cristã é poderoso e potente, nasce se posicionando, incluindo e excluindo os ideologicamente impuros.

No Rio de Janeiro a situação parece ainda mais complexa. A cidade é governada, nos últimos anos, por um prefeito que foi bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, uma Igreja neopentecostal que conta com muito apoio nas periferias da cidade. Parte da última onda do pentecostalismo brasileiro,¹⁷ a Igreja Universal do Reino de Deus, mantém fortes aproximações ritualísticas com o judaísmo e um poderoso vínculo com o Estado de Israel.¹⁸ Em sua perspectiva de apoio a Israel, a “Universal” é acrítica e constante. Defende os governos da direita israelense, justifica a política de colonização dos territórios palestinos e apoia o Estado Judeu em casos de guerras e conflitos com os palestinos. Os setores conservadores da comunidade judaica têm a Igreja Universal como importante aliada.

Por outro lado, jovens da comunidade judaica, membros de movimentos juvenis tem uma postura extremamente crítica frente ao atual governo de Israel e são

¹⁶ Judeus progressistas passam a ser classificados pelos grupos conservadores como *kapos*, ou seja se utiliza o termo usado para classificar os judeus que trabalhavam sob ordens dos nazistas nos campos de concentração e extermínio. Como exemplo de texto, o post na rede social Facebook de Guilherme Cohen, jovem judeu egresso de grupos sionistas de esquerda, em 16/08/2017: “(...) Acabo de sair de um grupo de WhatsApp depois de presenciar, mais de uma vez, discursos islamofóbicos e antisemitas. Chamaram jovens de movimentos juvenis de Kapos. Chamavam os de ideologia mais a esquerda de esquerdopatas, de doentes. Me ofenderam diversas vezes. Ofendiam os jovens o tempo inteiro”. Recuperado de <https://www.facebook.com/guilherme.cohen.73/posts/1930328670316509>

¹⁷ Freston, 1994.

¹⁸ Gherman; Grin, 2016.

contrários à contínua política de ocupação dos territórios palestinos. Na nova configuração político-religiosa e ideológica, os jovens judeus são menos membros da comunidade do que os bispos, os fiéis e os pastores das igrejas evangélicas, principalmente aqueles ligados à Igreja Universal do Reino de Deus.

Esse artigo (ou ensaio) lidará com o que propomos ser uma espécie de mito fundacional da radical ruptura entre conversos e desconversos na coletividade judaica da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, pretendemos fazer uma pequena análise acerca das consequências ocorridas em decorrência da visita do pré-candidato da extrema-direita brasileira a presidência da República ao clube judaico Hebraica do Rio de Janeiro. A visita ocorrida em abril de 2017 contou com um enfrentamento sem precedentes entre judeus de esquerda e judeus de direita em espaço público na frente do clube. Em manifestações abertas, os dois lados se enfrentaram durante a palestra que ocorria no interior do clube.

Acreditamos que o caso dos enfrentamentos na frente da Hebraica do Rio de Janeiro pode representar uma oportunidade de análise e reflexão não apenas sobre a ruptura intracomunitária, mas também para as mudanças ocorridas no país desde junho de 2013, momento conhecido como “As Jornadas de Junho”.¹⁹ Se consensos arraigados começaram a desmoronar a partir das grandes manifestações de 2013, pensamos que suas consequências chegaram até a porta da Hebraica em 2017.

Acreditamos, pois, que, em perspectiva, podemos imaginar que os efeitos da decisão do clube em convidar o candidato da extrema-direita para uma palestra na Hebraica-Rio devem ser entendidos não apenas a partir de um evento relacionado exclusivamente às dinâmicas internas da comunidade judaica. Ao contrário disso, entendemos que o “caso da Hebraica-Rio” pode servir para refletirmos acerca dos processos de polarização política e esgarçamento da vida democrática que o país vem passando nos últimos anos. Polarização que tem grupos da chamada “nova direita” como protagonistas. Em médio prazo seria correto afirmar que essa polarização se inicia nos protestos de 2013. Entretanto, pode-se entender que esse processo é mais longo e remonta aos debates sobre a mudança da imagem do Brasil como país da conciliação. É isso que discutiremos nos próximos parágrafos.

¹⁹ Referimo-nos aqui ao início das grandes manifestações ocorridas em 2013. Se elas se iniciaram de forma muito específica e tímida, questionando os serviços de transporte públicos, logo se expandiram e se transformaram em eventos de multidões contra a política institucional no sentido mais amplo. Ver: Charleaux, 2017.

Os Novos Brasis e as Novas Brasilidades

Alguns analistas defendem que a ideia “conciliadora da brasilidade”, como formulada através do conceito de cordialidade de Sergio Buarque de Holanda,²⁰ foi derrotada nas ruas das grandes cidades brasileiras durante as manifestações multitudinárias no início da segunda década do século XX.²¹ Um dos efeitos dessa quebra de consenso seria, segundo tais análises, o surgimento de uma nova extrema-direita no Brasil. Uma nova extrema-direita autoritária e pronta para o enfrentamento. Essa onda de mudanças e rupturas teria alcançado, como já visto acima, até mesmo um dos grupos que mais irradiavam coesão no imaginário da sociedade brasileira: a comunidade judaica.²²

Em um parto aberto e franco, os judeus do Rio de Janeiro rompem com suas ilusões de conciliação e coesão e dão luz, na frente de um clube Judaico, à disputa entre essa nova extrema-direita e os grupos tradicionais da política comunitária. Essa ruptura criada à luz do dia reproduz, em muito de sua dinâmica, os processos ocorridos na sociedade brasileira como um todo. A onda conservadora brasileira parece não deixar ninguém imune a ela. Nesse sentido, vale a pena discutir a ruptura ocorrida no clube de Laranjeiras,²³ como sendo parte do processo que levou multidões às ruas e criou uma polarização política, que se não inédita no país, foi poucas vezes vista no Brasil. O que pretendemos discutir aqui é o que se convencionou chamar de surgimento e o fortalecimento da “nova direita brasileira”.²⁴

Para historiadores, o desafio de discutir as condições que levaram à ascensão dessa nova direita brasileira não parece tarefa das mais fáceis. Alguns elemen-

²⁰ Holanda, 1995.

²¹ Bucci trabalha com a ideia de representação de brutalidade na substituição ao ethos conciliador. Ver: Bucci, 2016.

²² Adoto aqui as teses sobre “coesão e dispersão” do historiador Chaim Avni. Em relação à “dispersão”, Avni defende que os judeus que se estabelecem em países da América do Sul se dividem por procedência e por correntes ideológicas e partidárias distintas. Essas “divisões” criam dinâmicas bem-definidas, seja por vínculos de origem e pertencimento “geográfico” (sefarditas ou *ashkenazitas*, originários da Europa oriental ou central, de pequenas aldeias ou grandes cidades etc.), seja pelos ingredientes culturais e políticos que os imigrantes carregam em diversas bagagens intelectuais trazidas das mais variadas origens, com as quais eles ingressam ou mesmo constituem a “vida comunitária” dos lugares de destino. Essa vida comunitária, em maior ou em menor grau, prozuziria o sentido de coesão comunitária. Ver Goldstein, 2001.

²³ O clube Hebraica-Rio é localizado no bairro de Laranjeiras. Durante os debates ocorridos após os enfrentamentos na porta do clube, um importante rabino da cidade, Rabino Nilton Bonder, escreveu um artigo no jornal, onde ele afirmava passar a chamar o clube a partir de sua localização geográfica, pois se negaria a chama-lo de “Clube Hebraica”. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/brasil/rabino-nilton-bonder-critica-hebraica-por-palestra-de-bolsonaro-21174845>

²⁴ Utilizo o conceito a partir do artigo de Marcelo Badaró de Matos, que trabalha a ideia de nova direita brasileira a partir de um conjunto de vínculos difusos que determinados grupos mantêm com perspectivas ultraliberais na economia, ultraconservadoras na política e que mantêm laços internacionais com grupos de atuação de direita e extrema direita. Ver: Matos, 2016.

tos, que traremos em seguida, dificultam essa reflexão. Em primeiro lugar, a temporalidade. O surgimento desses grupos remonta, como dissemos acima, apenas ao ano de 2013, período que se mostra curto para análise histórica. Ademais, percepções de continuidade e sentido acabam desafiando análises críticas necessárias a boa escrita historiográfica.

Se hoje há poucas dúvidas da existência de uma nova direita e de grupos de extrema-direita organizados no país, podemos supor que já nas “Jornadas de 2013” esses grupos se faziam presentes.²⁵ Nas manifestações multitudinárias podia-se perceber entre referências tradicionais de militância e ativismo, o surgimento de bandeiras ultraconservadoras nos protestos. Referências ultraconservadoras e morais faziam pontes com denúncias de corrupção e ataques à esquerda no poder.

Nas passeatas de 2013 havia grupos pedindo a volta do regime militar, setores que aplaudiam as forças armadas e facções que chegavam a perseguir e agredir ativistas de esquerda nas concentrações.²⁶ Essas tendências apenas se fortaleceram e se tornaram hegemônicas nos protestos pelo impedimento da Presidenta Dilma Rousseff em 2015. Constitui um risco, entretanto, analisar as jornadas de 2013 apenas com o olhar de 2018. Em 2018, a organização de uma candidatura à presidência vinculada à extrema-direita e os enfrentamentos na porta da Hebraica-Rio guardam elementos de continuidade com os protestos de 2013, mas também são produtos de referências posteriores e diferentes.

Precisamos, portanto, empreender uma leitura da realidade a partir dos desafios pertinentes aos tempos históricos. É necessário “escovar a história à contrapelo”, como propunha Walter Benjamin.²⁷ Precisamos analisar os diversos destinos possíveis para origens incertas. É preciso entender que nem tudo que se transforma tem como destino certo e único apenas o produto final que conhecemos. O processo histórico é digno de perspectivas múltiplas e de diversos labirintos. Nesse contexto, faremos análises de dois momentos distintos e que marcam a nova realidade política do país: as Jornadas de 2013 e uma etnografia sobre a reação à palestra de Jair Bolsonaro, candidato da extrema-direita à presidência do país, no clube judaico do Rio de Janeiro.

Jornadas de Junho

O fenômeno das Jornadas de Junho que, de fato, durou mais do que o mês que lhe dá o título, passou a ser referencial para diversas agendas políticas surgidas desde então. As Jornadas, como propõe Marco Aurélio Nogueira, tomaram uma forma que intrigou observadores políticos tradicionais, como os grandes veículos

²⁵ *Ibidem*. p. 95.

²⁶ Ver: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/militantes-da-cut-sao-agredidos-e-expulsos-de-protesto-no-rio-de-janeiro.htm>

²⁷ Löwy, 2005.

da mídia e os partidos políticos, pois não possuíam uma estrutura organizacional definida de acordo com os moldes estabelecidos nem lideranças claras. Assim, elas se constituíam num fenômeno policêntrico, de mais difícil análise e apreensão aos olhos daqueles acostumados então com o cenário político brasileiro.²⁸ Além disso, Nogueira afirma que as jornadas tem natureza “periférica” já que se iniciam nas bordas, mas acabam por influenciar os centros, afetando bandeiras e propostas dos grupos mais diversos da cena política do Brasil contemporâneo.²⁹ Nesse contexto, a ausência de lideranças tradicionais e a falta de uma coerência política acabam fazendo que os protestos sejam apropriados por múltiplas agendas e que façam aparecer novas lideranças, algumas delas com perspectivas e posições bastante claras, outras com referências difusas e pouco definidas.

As questões que gostaríamos de tratar aqui estão relacionadas às origens e aos legados de tais movimentos. Cabe perguntar, primeiramente, quais as condições sociais que propiciaram a formação de movimentos tão potentes, espontâneos e espasmódicos. Em segundo lugar, vale questionar quais foram suas influências sobre a realidade política brasileira após seu refluxo. Está claro, pois, que as “Jornadas de Junho” em suas duas fases (sim, as céleres jornadas de junho tiveram dois momentos profundamente distintos) afetaram de sobremaneira o quadro de representação política no país.

Apesar de terem se tornado conhecidas pelo título de “Jornadas de Junho de 2013”, as origens das Jornadas de Junho podem estar no mês de maio do ano de 2012, na cidade de Natal. Nesta ocasião, o governo decide aumentar o preço das passagens de ônibus em 20 centavos, o que vai causar grandes manifestações e forte repressão da polícia. Alguns artigos dão conta, inclusive um publicado no New York Times, de que a “Revolta de Natal” ou a “Revolta do Busão” fora,³⁰ de alguma maneira, a referência fundadora das futuras manifestações que se iniciarão em 2013. De fato, pode-se notar nas manifestações na cidade de Natal algumas características que se repetirão em outras cidades brasileiras durante as “Jornadas de Junho”:

Em primeiro lugar, os protagonistas destas mobilizações não eram jovens vinculados a partidos de esquerda ou de extrema-esquerda (como tradicionalmente ocorrem as manifestações). Apesar de tentarem estar presentes nas manifestações, eles não vão ser determinantes neste processo. As mobilizações se tornaram viáveis e perceptíveis a partir de outras lideranças e novos agentes políticos. Em segundo lugar, há fortes indicações de que sindicatos, organizações estudantis e grupos organizados na “esquerda clássica” foram surpreendidos e pegos desprevenidos nesta experiência. Não foram, portanto, assembleias de classe, reuniões estudantis, ou mesmo decisões de diretórios partidários que

²⁸ Nogueira, 2013.

²⁹ Nogueira, 2013. Aqui o autor usa o conceito “periférico” de Stuart Hall. Ver: Hall, 2008.

³⁰ Ver: <http://bloglivre-unamuno.blogspot.com/2013/06/o-movimento-passe-livre-comecou-em.html>

determinaram a realização das manifestações. Os fóruns mobilizadores, ao que tudo indica, foram outros.

As Manifestações de Natal foram, em grande medida, convocadas por “novas redes de contatos”, “redes sociais”, estabelecidas no mundo virtual. Elas eram articuladas em “comunidades de novo tipo”, como propõe Manuel Castells.³¹ Estas redes virtuais prescindem de proximidade, ou melhor, apostam em outras formas de aproximação. Nestas comunidades virtuais, grupos interessados em temas específicos se “reúnem virtualmente” para falar de músicas, filmes ou para propor protestos contra temas que os incomodam. Se para os canais clássicos da esquerda, o debate sobre a péssima situação dos serviços públicos no Brasil não eram um tema imediato para “mobilização das massas”, para os jovens das “redes sociais”, ele era. Desta forma, um post na rede social Facebook, um desabafo virtual ou um comentário em redes digitais poderia justificar a realização de uma manifestação que, apesar de começar na rede, atingiria as ruas, assustando governos, partidos e grupos organizados.

O terceiro ponto que marcará a experiência de Natal, e estará presente nas futuras manifestações em outras cidades, será a brutalidade policial em sua repressão. A polícia se mostrara pouco permissiva em relação às reuniões de jovens nas ruas e houve confrontos com presos e feridos nos protestos.

Como dito anteriormente, as manifestações de Natal em 2012 constituem modelo de mobilização e atuação para as demonstrações de 2013. Neste ano, as manifestações se iniciam na cidade de Porto Alegre. Aqui, os protestos tiveram as mesmas motivações daquelas de Natal, qual seja, a péssima qualidade do transporte público e o reajuste das passagens. Em Porto Alegre, elas também contaram com os mesmos protagonistas: jovens desiludidos com a política institucional. Na capital do Rio Grande do Sul, elas também foram violentamente combatidas pela polícia.

Depois de Porto Alegre, ocorrerão demonstrações do mesmo tipo em Goiânia, Manaus, Vitória, Fortaleza, Natal, Salvador, Recife, Maceió, Belo Horizonte, Brasília e outras capitais brasileiras. No mês de junho, entretanto, elas se tornam demonstrações de massa e alcançam as grandes capitais brasileiras. Na cidade de São Paulo, a onda de manifestações populares teve início quando a prefeitura e o governo do estado reajustaram os preços das passagens dos ônibus municipais, do metrô e dos trens urbanos de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. No início de 2013, logo após começar seu mandato, o novo prefeito da cidade Fernando Haddad do PT, anunciou que a tarifa sofreria um aumento ainda no primeiro semestre daquele ano. Assim, as tarifas de ônibus, trens urbanos e metrô foram reajustadas para R\$ 3,20 a partir de 2 de junho, desencadeando os protestos, liderados por grupos difusos e por um certo Movimento Passe Livre (MPL), que defendia que o

³¹ Castells, 2013.

transporte público fosse gratuito na cidade, apostando no slogan “Por um Mundo sem Catracas”.

No início do mês de junho, as ruas de São Paulo foram tomadas por manifestações quase diárias, onde invariavelmente houve enfrentamentos e violência policial, causando prisões e ferimentos de policiais e manifestantes. Grupos mais radicalizados, entre os quais os intitulados Black Blocks, surgem como uma espécie de vanguarda de choque das passeatas. Com pouca coerência organizativa, estratégica e ideológica, os “mascarados” que clamavam por ação direta passaram a atacar tudo o que representa, para eles, símbolos do capitalismo, da dominação e do poder. Como reação a este quadro, grandes jornais e redes televisivas passam a criticar os “Movimentos de Junho”, afirmando se tratar de atos inconsequentes de “vandalismo e destruição”.

Também políticos do governo e da oposição criticaram as manifestações e se negaram a rever os aumentos dados nas passagens de ônibus. Este foi o caso do prefeito da cidade de São Paulo pelo PT, Fernando Haddad, que junto ao governador do estado, Geraldo Alckmin, do PSDB, em 14 de junho afirmaram “(...) ser impossível fazer retroagir o ajuste (...)”,³² além de acusar os manifestantes de estarem destruindo a cidade. Ao contrário do que se podia esperar, os editoriais, os comentários midiáticos e posicionamentos de prefeitos e governadores de vários partidos não fizeram as manifestações refluir. Ao contrário, na semana do dia 13 de junho os protestos se espalharam para mais cidades, chegando a Teresina, Maceió, Rio de Janeiro, Sorocaba. Em São Paulo, houve represália policial excessiva, o que causou muitos feridos, incluindo vários jornalistas, que gradualmente mudaram o discurso e começaram a atacar a postura policial. Marcado para o dia 17 de junho, uma segunda-feira, cerca de 300 mil pessoas saíram às ruas para protestar em 12 cidades espalhadas pelo Brasil. Diferente da primeira fase, as manifestações foram no geral pacíficas, com pequenos focos de violência e enfrentamento.

Na segunda quinzena de junho de 2013, nota-se uma nova fase dos protestos. Aqui as demonstrações eram diárias e ocorriam em várias cidades do Brasil. Entretanto, a questão do transporte começa a sair de pauta. As manifestações tomam outro caráter, surgindo pautas ainda mais difusas como “cura gay”, gastos com a Copa das Confederações FIFA de 2013 e com a Copa do Mundo FIFA de 2014, fim da corrupção, etc. No dia 20 de junho, houve um pico de mais de 1,4 milhão de pessoas nas ruas com mais de 120 cidades pelo Brasil, mesmo

³² Ver: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/04/alckmin-e-haddad-dizem-que-tarifa-do-transporte-deve-subir-em-junho.html>

depois das reduções dos valores das passagens anunciadas em várias cidades. As manifestações continuam.

Pode-se dizer que os gritos das ruas estavam direcionados contra quase tudo e quase todos, direita, esquerda ou centro, partidos, governos e empresários. A retirada compulsória de bandeiras partidárias das passeatas já mostrava isso. Ninguém era poupado. As jornadas de junho consolidam, como propõe Luiz Eduardo Soares, uma tendência de divórcio entre sociedade e Estado, entre a sociedade e a classe política brasileira.³³ Como afirma este autor, as Manifestações de Junho fizeram a ideia de representação política ruir.³⁴

A crise da representatividade pode ser considerada a grande referência para a explosão política ocorrida então. Em junho, o desprezo e o deboche das ruas foram canalizados politicamente. Ainda segundo Soares, “(...) somente agora o escárnio das esquinas, a repulsa ao mundo político que se limitava às conversas cotidianas ganhou corpo e visibilidade, tanto quanto ganharam visibilidade e reconhecimento milhões de cidadãos antes unidos pelo ressentimento, sentindo-se diariamente desrespeitados pelas autoridades, pelas instituições”.³⁵

Apesar de alguns grupos da oposição terem se arvorado em realçar, depois de se oporem às manifestações, que as “Jornadas de Junho” eram antipetistas, está claro que este não é o caso. As tempestades que pegaram de surpresa o mundo político brasileiro não eram antipetistas, não eram anti-Lula, nem eram uma reprovação geral ao “modo petista de governar”. Não. Mas, ao mesmo tempo, não se pode afirmar que Lula, Dilma e o PT foram poupados nestas mobilizações. Ao contrário, foram alvos principais. As manifestações de junho marcam um fim de um ciclo. Se a sensação de calma avançava desde 2002, desde a primeira eleição de Lula à presidência, o ano de 2013 subverte a ideia de tranquilidade que imperava, reforçando a crença de que nada muito novo poderia acontecer.

Se entre 2002 e 2013 a competência do PT em manter acordos, em incluir socialmente populações e em aumentar o número de consumidores no país eram suficientes para manter a estabilidade política, as manifestações de 2013 parecem colocar isso em xeque. Se os acordos políticos permitem governabilidade, eles não garantem a transformação com que o Partido dos Trabalhadores se comprometera e anunciara durante toda a sua história. De referência de política ética e transformadora, o partido de Lula passa, em grandes ciclos de poder, a reproduzir os acordos e os casos de corrupção que se tornaram célebres em governos anteriores, liderados por partidos de direita. Ao que parece, em 2013 o PT perde sua imagem diferenciada e é atacado nas ruas junto a todos os outros sinais de representação política. Mais, se aos olhos dos manifestantes o alvo deve ser

³³ Soares, 2013.

³⁴ *Idem.*

³⁵ *Idem.*

“a forma de se fazer política”, o partido que está no poder deve se preocupar por ser o guardião de plantão da chave de acordos institucionais e políticos.

Se o Partido dos Trabalhadores logrou criar uma “cultura política” que o ajudou a chegar ao poder, em 2013, como afirma Renato Janine Ribeiro,³⁶ ele perdeu esta hegemonia (no sentido gramsciano). As expectativas frustradas em conjunto com as péssimas condições do serviço público no Brasil levaram o PT à cova comum do sistema representativo brasileiro. O PT foi, como todos os outros, alvo das pedras dos manifestantes. Porém, por estar no governo, foi como nenhum outro a grande vítima do movimento contra “quase tudo”, como aqueles de junho de 2013. O PT sai derrotado em 2013. A vitória eleitoral em 2014 não garante a superação da crise. Ao contrário, marca sua deterioração. Dilma, a presidente reeleita, não consegue governar e é impedida de permanecer no poder.

A aliança que garante seu impedimento foi formada por grupos da direita liberal, setores ligados ao agronegócio, membros de igrejas evangélicas e partidos vinculados a agendas de extrema-direita. Em pouco tempo a aliança se desfazia e havia uma nova disputa política. A extrema-direita, composta por grupos ligados a think tanks internacionais e por setores miliares tentava impor sua agenda política.³⁷ Em última instância, esses grupos visavam consolidar um novo ambiente político no país. Seguindo essas narrativas conspirativas e denunciadoras, as argumentações eram de que a esquerda corromperia o país e que estávamos caminhando para um golpe comunista, bolivariano. Agendas sociais e de diversidade sexual eram vistas como ameaça. Nessas perspectivas era necessário combater e exterminar a cosmovisão de esquerda e progressista que havia “contaminado” o país.

Podemos dizer que um dos resultados mais fiéis dessa articulação foi a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência da República. Com um discurso violento e moralista, o capitão da reserva denunciava a esquerda e suas práticas políticas. Em sua perspectiva, era preciso limpar o país e destruir o legado da esquerda, impondo uma cultura política conservadora, moralista e de direita.

Em 2017 o evento ocorrido na frente da Hebraica-Rio pode ser um exemplo interessante para os choques que ocorriam nas ruas do país. Em abril, uma comunidade que se preservava (internamente e externamente) como coesa e unida se deglodeia em frente a um clube sob faróis de carros e olhos atentos de passantes. Em algum sentido, a cultura política surgida em 2013, nas grandes manifestações, tem uma de suas expressões mais contundentes em 2017, no bairro de Laranjeiras. Os enfrentamentos entre judeus e judeus na porta da Hebraica pode simbolizar, em diversas camadas, o novo ambiente político brasileiro. Uma nova direita que denuncia a corrupção moral da sociedade brasileira. Corrupção moral que teria ocorrido, segundo sua narrativa, a partir da chegada

³⁶ Ribeiro, 2017, p. 16.

³⁷ Rocha, 2017.

da esquerda ao poder. Essa nova direita acredita no enfrentamento e não na conciliação. Uma nova direita que denuncia as referências progressistas que teriam doutrinado a juventude e toda a sociedade. Essa nova direita parece expor a prontidão para uma guerra ideológica e desconsidera qualquer possibilidade de conciliação, mesmo intracomunitária.

A porta da Hebraica parece mostrar ao Brasil os novos limites de sua política. O “nós contra eles” é apresentado desde dentro da vida comunitária judaica e é escancarado para todo o país. Os jovens judeus na frente do clube parecem, na perspectiva dos conservadores dentro da palestra, feitos de outra natureza. Eles passam a ser inimigos a ser derrotados. São gayzistas, islamistas, esquerdistas, enfim, ameaçam suas famílias e seus valores. Se até ontem eles frequentavam a mesma sinagoga, o mesmo clube e os mesmos movimentos juvenis que seus filhos, hoje eles são vistos como estrangeiros, como inimigos, como ameaça.

Em algum sentido, a porta da Hebraica parece ser um dos destinos que as manifestações de 2013 assumiram. Os confrontos na frente do clube judaico incorporam sobremaneira a ambiência política que surge no país. Os novos atores políticos, a extrema-direita e elementos da nova direita são os protagonistas do evento. Antes eles praticamente não existiam; hoje eles impõem sua agenda ultraconservadora e hiperliberal. O enfrentamento de judeus “convertidos e desconvertidos” pela política parece ser simbólico em relação ao avanço da nova direita no Brasil.

Judeus contra Judeus: Manifestação na Porta da Hebraica

Um convite ao pré-candidato à presidente da República, o deputado federal Jair Messias Bolsonaro, se constitui em um grande imbróglio político no interior da comunidade judaica brasileira. Tudo começa com uma inusitada proposta para que o deputado faça uma palestra, em março de 2017, no clube da Hebraica de São Paulo. O clube paulistano é uma referência da vida comunitária na cidade e simboliza a pungência das instituições judaicas na cidade. A Hebraica de São Paulo é o centro de atividades sociais, políticas e sociais de judeus de todos os matizes.

O convite a uma figura tão polêmica como o deputado da extrema-direita causou uma reação forte entre os associados do clube. Entre abaixos assinados e ameaças de renúncia de associação, a palestra foi cancelada e a direção do clube informou que a iniciativa não era oficial, mas parte de esforços isolados de sócios da Hebraica. Ao contrário do que parecia, o cancelamento da palestra em São Paulo não encerrou o imbróglio, apenas o exacerbou. Como reação ao cancelamento da palestra, o presidente da Hebraica-Rio manifestou interesse em convidar o deputado para uma palestra no clube carioca. Importante notar, o clube homônimo do Rio de Janeiro não tem nenhuma relação com a Hebraica de São Paulo. Além do mais, ao contrário do clube paulistano, é um clube pouco ativo e que vive de arredamento de espaços para empresas privadas.

Após anunciar o interesse em convidar o líder da extrema-direita para uma palestra no clube do qual é presidente, começaram as pressões para o cancelamento do convite. Ao contrário do que se podia imaginar, não se tratava de um convite individual, vinculado exclusivamente ao presidente de uma instituição decadente. O pré-candidato a presidente da República estava sendo convidado por grupos de extrema-direita ativos no interior da comunidade judaica. Longe de se organizarem em assembleias ou entidades tradicionais da comunidade judaica, esse ativistas ultraconservadores se encontravam em redes e ambientes virtuais. Grupos na rede social Facebook ou na plataforma de troca instantânea de mensagens WhatsApp eram os espaços de atuação dessas pessoas. A grande maioria deles era novata em ambientes judaicos e começaram sua participação justamente na articulação da palestra.

Os motivos que levam a esses grupos a ingressar nessa "militância comunitária" através das redes sociais são basicamente os mesmos que fazem com que militantes de extrema-direita ingressem no ativismo político na sociedade maior. Quais sejam: uma militância antisocialista radical, perspectivas conspirativas que relacionam a esquerda e agendas progressistas a uma degeneração moral da nação e, finalmente, a denúncia de doutrinação ideológica por parte de educadores e professores em relação a educandos e alunos indefesos.³⁸

O diferencial entre a "extrema-direita judaica" e a "extrema-direita" não judaica ficava por conta de um tema específico, a relação central que os judeus e a comunidade judaica têm com o movimento sionista e com o Estado de Israel. A relação com Israel é central na comunidade judaica e é compartilhada por grupos de extrema-direita brasileira. Por um lado a direita judaica se relaciona de forma acrítica com Israel e seus governos e defende-os em toda e qualquer circunstância. A extrema-direita brasileira não judaica também, a sua feita, se relaciona de maneira acrítica com Israel. Em suas perspectivas ideológicas, Israel representa uma barreira contra uma suposta expansão do Islã sobre o Ocidente. Essa extrema-direita denuncia vínculos entre "o esquerdismo imaginário" (feminismo, direitos humanos, diversidade sexual) com agendas de um Islamismo imaginário que teria como objetivo destruir os valores judaico-cristãos.

Muitos dos grupos ativos na extrema-direita são de origem evangélica, o que colocam os judeus (ou um judaísmo imaginário) como membro constitutivo de uma narrativa teológica fundamentalista e finalista. Os judeus seriam nesse sentido os "cristãos originários", os responsáveis pela mensagem original de Cristo na terra e seriam visto como parceiros importantes na constituição na terra do reino dos céus. Nesse contexto, o judaísmo é instrumentalizado para interesses ideológicos cristãos e os judeus são reconhecidos e valorizados como referência de ativismo para a nova direita.

³⁸ Referimo-nos aqui ao Movimento Escola Sem Partido. Recuperado de <https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml> e <http://www.escolasempartido.org/>

Claro, a definição de judeus estava constituída a partir de uma lógica teológica e civilizatória. Não fariam parte dessa “comunidade imaginada” de judeus e cristãos,³⁹ aqueles que não tivessem suas identidades estabelecidas a partir desses valores. Nesse contexto, judeus seculares ou de esquerda estariam excluídos desse “diálogo intercivilizatório”. Aqui está o ponto importante para entendermos o confronto na porta da Hebraica-Rio. O convite havia sido feito por grupos vinculados a perspectivas ideológicas específicas e o questionamento do convite era feito por gente que não compartilhava dessa agenda, justamente judeus progressistas, seculares e de esquerda.

Entre os judeus que discordavam do convite ao deputado estavam membros de entidades judaicas e representativas da comunidade da cidade. Monitores e membros de movimentos juvenis sionistas, membros de sinagogas liberais e representantes do judaísmo liberal perante a sociedade maior. Como característica comum estavam as identidades sionistas e judaicas de ambos os grupos. Como elemento de diferenciação estavam os significados dessas identidades. Para os judeus contrários à visita do pré-candidato a Hebraica, a definição de sionista não estava vinculada a um apoio acrítico às políticas de Israel, ao contrário, eles tinham vínculos diretos com grupos de oposição israelenses, o que os transformava, aos olhos da nova direita, em adversários.

Com relação a Israel imaginária, servindo de barreira ao suposto avanço do Islã sobre o Ocidente, os judeus contrários à visita de Bolsonaro a Hebraica-Rio também não se sentiam próximos a seus correligionários. Muito pelo contrário, dentre os grupos judeus da esquerda judaica, há muitos que promovem diálogos com movimentos palestinos e grupos muçulmanos, não os reconhecendo como ameaça, mas como parceiros. Nesse contexto, para além da identidade judaica, havia muitos outros marcos de diferenciação do que de proximidade entre os que apoiavam e os que criticavam a visita de Jair Bolsonaro na Hebraica. Isso explica porque apesar das tentativas de acordo e conciliação entre os dois grupos, o processo culminou com ruptura e não com acordo.

Havia, por parte da “nova direita judaica”, a clara percepção de que os jovens que discordavam de suas prerrogativas civilizatórias e teológicas faziam parte de outro grupo, de outra comunidade, de outros valores. Apropriando-se de lógicas típicas da nova extrema-direita brasileira, os judeus de direita percebiam os judeus à esquerda como inimigos, como ameaças. Tendo mudado suas referências identitárias de vínculos étnico-culturais para vínculos políticos-ideológicos, os judeus da nova direita pareciam não ver possibilidade de qualquer diálogo entre judeus e judeus.

Ademais, o deputado convidado a falar na Hebraica Rio já dera, segundo suas perspectivas, múltiplas demonstrações de amizade com Israel e com os judeus, enquanto aqueles jovens demonstravam apenas críticas e discordância do go-

³⁹ Anderson, 2008.

verno em relação ao que chamavam de “ocupação dos territórios palestinos”. A percepção de pertencimento estava clara, os membros da extrema-direita brasileira não judaica eram mais próximos deles do que os judeus de esquerda. Estes eram inimigos e compartilhavam de uma identidade judaica que não era por eles reconhecida ou respeitada. Os judeus de esquerda eram inimigos, os não judeus de direita eram aliados.

Estamos falando de um processo de conversão e desconversão. Nas circunstâncias dadas, Bolsonaro abraçava Israel e os jovens sionistas atacavam Israel. Evangélicos falavam da importância de unificação de Jerusalém, enquanto os jovens sionistas falavam na necessidade de dividir a cidade. Os militantes da extrema-direita denunciavam a “conspiração esquerdista” que tentava impor “ideologia de gênero nas escolas”, o “ódio ao homossexualismo” e a “cultura gay e abortista”. Enquanto que os jovens de esquerda da comunidade eram membros de grupos feministas, defendiam o direito ao aborto e o direito à diversidade sexual. Na perspectiva da nova comunidade imaginada pela extrema-direita, os militantes evangélicos e conservadores estavam dentro, os jovens liberais e progressistas judeus estavam fora. Os primeiros haviam passado por um processo de conversão, os segundos por uma etapa de desconversão. Os primeiros eram a segurança dessa nova comunidade judaica, os segundos eram seu risco.

Nessas condições era imaginável o que aconteceria na noite da visita e da palestra do deputado na Hebraica. Um cordão de manifestantes cercava a entrada do clube, enquanto grupos assustados entravam para assistir o espetáculo prometido. Os manifestantes de fora, judeus em sua maioria, eram acompanhados por ativistas de esquerda e acusavam os que entravam de “ter esquecido as lições da shoá”, “de serem fascistas” e “de não respeitarem a memória dos judeus mortos na ditadura”. Os judeus que entravam para escutar o deputado de extrema-direita acusavam os judeus de fora “de antissemitas” e de terem praticado um “pogrom em Laranjeiras”. Nos processos de conversão e desconversão, ativistas não judeus de esquerda fora do clube passavam a fazer parte de uma comunidade possível, enquanto que ativistas de extrema-direita não judeus de dentro do clube, passavam a fazer parte de uma outra comunidade possível.

Interessante que uma comunidade que cultivava a imagem da união e da unidade para fora acabara rompendo esse imaginário em praça pública. Não se podia falar, entre gritos e ofensas de lado a lado, que havia condições para uma comunidade. A ruptura e a desconfiança eram a chave para a compreensão. A exclusão comunitária era a referência, a cultura de conciliação brasileira e a tese de unidade judaica haviam sido, de uma só vez, superadas pela nova cultura política do país. O enfrentamento na frente do clube era a nova imagem do Brasil e da nova comunidade judaica do Rio de Janeiro.

Conclusão

Acreditamos que esse ensaio possa ser uma iniciativa inicial de se compreender a nova ambiência política no país. Se a extrema-direita, nascida nas ruas em 2013 e mantida em ambientes virtuais conseguiu romper a cultura de conciliação e cordialidade típica da brasilidade imaginária, vemos que esses novos grupos políticos foram além, produziram rupturas semelhantes no interior de uma comunidade que prezava pela imagem de aceitação e unidade. O confronto da Hebraica pode servir como modelo de reflexão sobre as consequências do surgimento da extrema-direita no cenário político brasileiro.

Fecha de recepción: 10 de agosto de 2018

Fecha de aprobación: 16 de enero de 2019

Fuentes Documentales

Ambellas, S. (11 de junho de 2017). Estado Islâmico "aparece" nas Filipinas depois de Duterte se opôr aos banqueiros internacionais. *Marxismo Cultural*. Recuperado de <http://omarxismocultural.blogspot.com/2017/06/estado-islamico-aparece-nas-filipinas.html>

Cohen, G. [Guilherme] (2017, 5 de octubre). Acabo de sair de um grupo de WhatsApp depois de presenciar, mais de uma vez, discursos islamofóbicos e antisemitas. Chamaram jovens de movimentos juvenis de Kapos. Chamavam os de ideologia mais a esquerda de esquerdopatas, de doentes. Me ofenderam diversas [Estado del Facebook]. Recuperado de <https://www.facebook.com/guilherme.cohen.73/posts/1930328670316509>

De Andrade, H e Affonso, J (20 de junio de 2013). Militantes da CUT são agredidos e expulsos de protesto no Rio de Janeiro. *UOL*. Recuperado de <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/militantes-da-cut-sao-agredidos-e-expulsos-de-protesto-no-rio-de-janeiro.htm?cmpid=copiaecola>

Favaro, C. (22 de maio de 2018). João Amoêdo se diz 'liberal na economia', mas 'conservador nos costumes'. *Estadão*. Recuperado de <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,joao-amoedo-se-diz-liberal-na-economia-mas-conservador-nos-costumes,70002318886>

Moreno, A. C., Tenente, L. y Fajardo, V. (3 de agosto de 2016). 'Escola sem Partido': entenda a polêmica em torno do movimento e seus projetos de lei. *G1 São Paulo*. Recuperado de <https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml>

Redação Hora Extra (18 de abril 2018). Parte de Comunidade Judaica repudia denúncia descabida contra Jair Bolsonaro. *Hora Extra*. Recuperado de <https://jornalhoraextra.com.br/coluna/comunidade-judaica-repudia-denuncia-descabida-contrajair-bolsonaro/>

Santiago, T. (11 de abril de 2013). Alckmin e Haddad dizem que tarifa do transporte deve subir em junho. *G1 São Paulo*. Recuperado de <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/04/alckmin-e-haddad-dizem-que-tarifa-do-transporte-deve-subir-em-junho.html>

Sitio Web EscolaSemPartido. Recuperado de <https://www.programaescolasempartido.org/>

Tabak, F. (7 de abril de 2017). Rabino Nilton Bonder critica Hebraica por palestra de Bolsonaro. *O GLOBO*. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/brasil/rabino-nilton-bonder-critica-hebraica-por-palestra-de-bolsonaro-21174845>

Bibliografía

Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Bucci, E. (2016). *A forma bruta dos protestos: das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rousseff em 2016*. São Paulo: Companhia das Letras.

Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.

Charleaux, J. P. (17 junio 2017). O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013 - E no que elas deram. *NEXO*, recuperado de <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>

DaMatta, R. (1984). *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.

Freston, P. (1998). Pentecostalism in Latin America. *Social Compass* 45(3), 335-358.

Freston, P. (1994). Breve história do pentecostalismo brasileiro. En A. Antoniazzi et al. (orgs.), *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo* (pp. 67-160). Petrópolis: Vozes.

Gherman, M. y Grin, M. (2016). *Identidades ambivalentes: Desafios aos estudos judaicos no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras.

Gherman, M. (2009). Deus eo Diabo na Terra Santa. *Webmosaica* 1(1), 56-71.

Goldstein, Y. (2001). Comunidad Voluntaria y Educación Privada: Tendencias en el Seno Del Judaísmo Argentino entre 1990 y 1995. *Judaica Latinoamericana*. Jerusalém: Editorial Universitária Magnes/Universidad Hebrea.

Hall, S. (2008). *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Hoeveler, R. (2016). "A direita transnacional em perspectiva histórica: o sentido da 'nova direita' brasileira". En F. Demier y R. Hoeveler (orgs.), *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil* (pp. 77-92). Rio de Janeiro: Mauad.

Holanda, S. B. de (1995) [1936]. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Löwy, M. (2005). *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo.
- Matos, D. y Molina, E. (2 de agosto de 2016). Giro à direita e luta de classes na América do Sul. *Esquerda Diário*. Recuperado de <http://www.esquerdadiario.com.br/Giro-a-direita-e-luta-de-classes-na-America-do-Sul>
- Matos, M. (2016). De Junho de 2013 a Junho de 2015: Elementos para uma Análise da (Crítica) da Direita Brasileira. En F. Demier y R. Hoeveler (orgs.), *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil* (pp. 93-107). Rio de Janeiro: Mauad.
- Mattos, I. R. de (1987). *O Tempo Saquarema*. São Paulo: HUCITEC.
- Nogueira, M. A. (2013). *As ruas e a democracia-ensaios sobre o Brasil contemporâneo*. Brasília: Contraponto (Série Brasil-Itália).
- Ribeiro, R. J. (2017). *Aboa política: Ensaio sobre a democracia na era da internet*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rocha, C. (2017). *Think tanks ultraliberais e a nova direita brasileira*. *Le Monde Diplomatique Brasil* recuperado de <https://diplomatique.org.br/think-tanks-ultraliberais-e-nova-direita-brasileira/>
- Sorj, B. (2010). Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica. En N. Bonder y B. Sorj (orgs.), *Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, recuperado de <http://books.scielo.org/id/twgn7>
- Soares, L. E. (29 de junho de 2013). A classe média descobriu a brutalidade policial, que os pobres e negros nunca ignoraram. *Educação, Política e Sociedade* recuperado de <http://nepfhe-educacaoeviolencia.blogspot.com/2013/06/>